

LEITURA NA ESCOLA: ESPAÇO PARA GOSTAR DE LER

Lovani Volmer¹

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

Leitura na escola: espaço para gostar de ler, de Jurema Nogueira Mendes Rangel, editado pela Mediação, em 2005, é, com certeza, leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pela formação do público leitor, pelas práticas educativas e pela pedagogia da leitura, nos diversos níveis de ensino, pois representa importante contribuição para a compreensão do processo de leitura instituído nas nossas escolas, especialmente nas de ensino fundamental.

Buscando compreender a necessidade de repensar a cultura escolar, que compreende o erro como valor, as representações do erro na leitura e seus efeitos sobre os estudantes, a pesquisadora focalizou onze sujeitos de duas escolas de ensino fundamental, uma pública e outra privada, situadas na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, entre professores de várias disciplinas e direção escolar, uma vez que a leitura não está a cargo apenas dos professores de língua portuguesa. Inteligentemente, a obra foi dividida em quatro capítulos; inicialmente é nos apresentado um aporte teórico para, depois, a partir daí, juntamente com a autora, analisarmos as práticas observadas.

O primeiro capítulo, *A leitura na escola*, trata a leitura sob o ponto de vista de diferentes abordagens, não necessariamente excludentes. Inicialmente é nos apresentada a abordagem interacionista, que compreende a leitura como um ato de comunicação verbal caracterizado pela relação cooperativa entre o emissor e o receptor. O professor, nesse sentido, desempenha papel fundamental, pois é o facilitador do aprendizado da leitura, intervindo em situações pontuais, sem impor um fazer-padrão, favorecendo a troca de opiniões entre os alunos para que as proposições surjam e aí sim colaborar com alguma informação que faça avançar a hipótese do grupo. Além disso, cabe ao professor estar atento para poder detectar se as dificuldades de leitura apresentadas pelo aluno são originadas pelo texto, com suas marcações e estruturas, ou por aspectos intrínsecos ao aluno. Enfatiza-se, ainda, a necessidade de o professor explicitar o objetivo da leitura; a leitura, quando dotada de sentido, é ato político e tem a função de libertar o homem de sua alienação e promover a mudança social, num movimento que articula leitura e ideologia.

O estudo da linguagem apoiado na análise do discurso também é destacado por Rangel. Essa abordagem volta-se para as condições de produção do discurso: os interlocutores, o contexto da enunciação e o contexto ideológico. Ao pensar em leitura, então, fica evidente que não se pode pensá-la de forma isolada, apenas como um ato de decodificação, mas integrante dessa forma discursiva, levando em consideração o gênero, o conhecimento prévio do leitor, o tipo de leitura (silenciosa ou oral) e o suporte. O que se deve privilegiar em sala de aula é o processo de interação verbal deflagrado por situações de leitura que permitam a identificação dos leitores como interlocutores.

A autora aborda, ainda, o paradigma estruturalista, segundo o qual o indivíduo recebe da comunidade lingüística um sistema já constituído, cabendo a ele tomá-lo e assimilá-lo no seu conjunto, tal como é. Nessa linha, a proposta de leitura parte do pressuposto de que o texto possui uma codificação que apresenta as idéias do autor e cabe ao leitor decodificá-lo, isto é, compreender essas idéias, com um sentido único e verdadeiro, eliminando outras possibilidades de compreensão, que serão consideradas erradas. Esse é, segundo a autora, o ambiente fértil para o erro que paralisa, subverte a leitura.

Na segunda parte da obra, *Tempos e espaços de leitura nas escolas*, Jurema Rangel apresenta-nos as duas escolas nas quais realizou as observações que serão analisadas no capítulo seguinte, tanto os seus aspectos físicos quanto os de pessoal, com o intuito de observar como a escola trabalha a leitura, nos seus diferentes ambientes; a configuração dos espaços escolares auxilia o entendimento do espaço que a leitura ocupa nessa organização. O que chama a atenção é o silêncio das professoras, que evitam falar das suas práticas, especialmente na escola particular, onde os discursos dependem do reconhecimento estatutário de pessoas autorizadas e percebe-se o professor emaranhado numa prática que engloba desde a submissão até o autoritarismo institucionalizado. Essa prática, diga-se de passagem, produz e reproduz, no cotidiano escolar, um verdadeiro controle de saberes e fazeres entre direção/professor, professor/professor e professor/aluno. Essa hierarquia pressupõe um professor reproduzidor e vigiado justamente para garantir a mentalidade moralizante e segregadora; é mais fácil, talvez menos difícil, de manter a ordem, uma vez que questionamentos, diálogos não fazem parte do processo. A polissemia, que rompe com a centralização de uma idéia única, a correta, é evitada pelo professor, ou melhor, ignorada.

Ao averiguar as histórias de leitura das professoras e suas representações sobre leitura, a autora deparou-se com uma realidade que, infelizmente, poderíamos dizer, é praxe em outros ambientes escolares, ou seja, a obra literária confundida com a obra didática, alinhada como pretexto para outras aprendizagens. A leitura entendida como forma de adaptação do aluno a um modelo coloca-o no lugar da passividade, instituindo uma comunicação que obscurece a figura do autor e centraliza o processo de ler nos limites do texto.

No terceiro capítulo, *O aluno leitor: o que lê e como lê?*, Rangel menciona algumas palavras sobre o leitor e suas leituras, partindo, ainda, das observações e entrevistas realizadas nas escolas já anteriormente citadas, que se identificam como espaços de incentivo à leitura de livros, mas que nem sempre, conforme observado pela pesquisadora, viabilizam ou mesmo encorajam iniciativas e estratégias advindas dos próprios alunos. Agindo dessa forma, será que efetivamente o discurso de incentivo à leitura não é meramente político? Ao discutir as orientações dos PCNs no que diz respeito à leitura, a autora destaca que nem sempre o professor consegue desempenhar o papel de mediador entre as crianças leitoras e os autores dos livros porque o seu saber acadêmico sobre leitura e literatura, na maioria das vezes, é fragmentado e nem sempre contempla o trabalho proposto com a leitura. Destaca-se, ainda, que ambas as escolas selecionam os livros de literatura a serem lidos no período de planejamento que antecede o início das aulas. Assim, nesse contexto, depara-se com um aluno/leitor que não participa das escolhas, configurando-se num leitor passivo, receptivo às escolhas prévias do professor. A força da visão estruturalista nas propostas pedagógicas é visível, a reprodução de informações concretizada no resultado faz com que a leitura extra-escola, ou seja, a variedade textual do mundo, do cotidiano, não seja bem vista no espaço escolar; a leitura dos livros didáticos é a que mais caracteriza a leitura da escola.

No capítulo final, *A leitura como passaporte para a vida*, a autora faz uma avaliação do processo como um todo: das práticas observadas, dos ditos não ditos, dos estranhamentos bem como do desejo de entender como as relações entre os sujeitos da escola e o trabalho com a leitura se afetam e são afetados. Como já citado anteriormente, as práticas observadas ainda estão associadas às concepções da abordagem estruturalista e a pedagogização da leitura está atrelada a uma prática avaliativa da leitura que reforça os resultados, medidos através de fichas, provas e testes, e não o processo de leitura do aluno; ainda há muita teoria e planos pedagógicos próximos do ideal, mas a prática continua arcaica. Ainda assim, como professores, atrevemo-nos a perguntar por que nossos alunos lêem cada vez menos ou, então, por que não gostam de ler. Será

preciso pensar muito para termos uma resposta? Será que realmente nossos alunos lêem menos ou lêem menos o que a escola quer que leiam?

Leitura na escola: espaço para gostar de ler veio para mostrar que outro mundo é possível e o caminho para tal é a educação, a leitura. Para tanto, é preciso que a escola se transforme num espaço de leitura prazerosa, desenvolvendo a compreensão do aluno frente a diferentes gêneros textuais e sendo o professor o mediador entre o leitor e o texto, ultrapassando as práticas rotineiras, de respostas prontas e de caráter didático. Assim, a escola estará contribuindo para a formação de leitores para além do espaço escolar e, conseqüentemente, para um efetivo avanço sociocultural, ampliando as formas de inserção do sujeito na sociedade.

NOTA

- ¹ Mestranda em Letras da UNISC, bolsista da CAPES. Professora da Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação – e do Centro Universitário Feevale. Resenha produzida para a disciplina “Aquisição da Linguagem e Aprendizado da Leitura”, ministrada pela professora Dr^a Rosângela Gabriel. Email para contato: lovaniv@feevale.br